

## Meio século depois

EVYATAR FRIESEL (SIGUE)

### De Chemnitz a São Paulo

Meus pais eram típicos judeus da Europa Oriental. Ambos nasceram na Galícia, que pertencia ao Império Austro-Húngaro, antes da Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, essa região se tornou parte da Polônia. A nossa família era, portanto, *galitzianer* e isto moldou profundamente meu caráter. Judeus galicianos, com sua peculiar mistura de sagacidade e cordialidade, são o grupo étnico judaico com o qual eu mais me sinto em casa.

Meu pai, Joseph Berr Friesel, serviu no exército austro-húngaro durante a Primeira Guerra Mundial. Alguns dias após sua desmobilização, no fim da guerra, e o subsequente colapso do Império Habsburgo, ele foi chamado a se alistar novamente, desta vez no exército polonês. A última coisa que ele queria era estar envolvido na guerra cruel que ocorria nas áreas fronteiriças entre a Polônia e a Rússia. Ele fugiu do país e emigrou para o Brasil.

No Brasil, meu pai entrou mais uma vez para as forças armadas, na Marinha brasileira. Ele permaneceu no Brasil até 1924, quando estourou uma revolução em São Paulo. Ele estava tentando estabelecer um negócio, mas, farto de guerras e de serviço militar, decidiu voltar para a Europa. Em Chemnitz, na Alemanha, ele encontrou minha futura mãe, Bluma Bloner, ou Blauner.

Meus pais chegaram à Alemanha separadamente. O negócio de confecções que possuíam em Chemnitz estava indo satisfatoriamente. Nos anos de 1930, eles gozavam de uma situação econômica bem confortável e, por esse motivo, permaneceram na Alemanha até bem tarde. Somente depois da *Kristallnacht* (Noite dos Cristais), de 9 para 10 de novembro de 1938, quando as sinagogas em Chemnitz e em outros lugares foram incendiadas e as janelas das lojas pertencentes a judeus (incluindo a nossa) quebradas, foi que meus pais decidiram que já estava na hora de partir. Abandonamos a Alemanha alguns meses mais tarde, no princípio de 1939. Em março, chegamos no Brasil.

Meus pais eram sionistas, apoiando uma espécie natural de sionismo típico dos judeus da Europa Oriental que não exige muita explicação ideológica. Reuniões e atividades sionistas faziam parte da nossa vida e também da vida da maioria de nossos conhecidos. Era normal que eu me ligasse a uma organização juvenil sionista, e logo minhas irmãs mais jovens também o fizeram.

### Uma nova direção à vida

Mais do que o ambiente do lar, da escola ou do trabalho, o movimento juvenil sionista deu a mim, o desorientado rapaz, um âmbito social e uma nova direção na vida. Eu me tornei um membro da organização Dror em 1948, quando tinha 18 anos.

Minhas atividades no Dror gradualmente foram ocupando a maior parte do meu tempo. A organização tinha sua sede nacional em São Paulo – à qual eu pertenci durante os dois anos e meio antes de ir para Israel –, onde fui o responsável pelo trabalho educativo do movimento.

O objetivo do Dror era transformar membros de um grupo desorganizado de estudantes em uma comuna de futuros ativistas do *kibutz*. Era um processo difícil, envolvendo muito exame de consciência, mas havia também sóbrias considerações sobre nosso futuro, personalidades, tendências profissionais, relações mútuas, o relacionamento com nossos pais e o ambiente judaico. Nós tínhamos que nos preparar para a *aliá\**, para uma nova vida sob condições completamente diferentes. Muitos dos membros do movimento não continuaram o caminho, alguns por causa das circunstâncias gerais, outros por motivos pessoais. Desenvolvemos um senso aguçado para as características humanas e uma capacidade de julgamento pessoal bem sintonizado. Tínhamos que tomar ou participar de decisões que envolviam um nível de responsabilidade e seriedade que raramente ocorreu novamente em minha vida – e nem tínhamos atingido 20 anos!

Foi no movimento juvenil sionista que eu aprendi a pensar apropriadamente, a me expressar, a comunicar-me convincentemente com outros e, por fim, a liderar. No movimento juvenil, me reencontrei. Muito do que tentei alcançar mais tarde está diretamente ligado à abertura pessoal da minha experiência nessa fase. Se eu enfatizar hoje quão importante foi a influência formativa do Dror, devo acrescentar que o meu caso não foi o único. Cada um que passou por uma organização pioneira sionista concordará que sua personalidade foi significativamente moldada pela sua participação no movimento.

O Dror foi capaz de atrair, aparentemente, um segmento superior da sociedade judaica mais jovem, um fato que se juntou ao nosso senso de justiça. Ainda que nem todo jovem judeu tenha participado do movimento, acredito que aqueles que o fizeram eram os melhores. Hoje é evidente para mim que não éramos melhores, mas sim que nossa vida era incomparavelmente mais intensa, responsável e direcionada a um objetivo mais alto, comparada com a de estudantes universitários regulares da

nossa faixa etária. Realmente, exceto em certos períodos mais tardios – por exemplo, enquanto eu escrevia –, raramente conheci tal nível de vivência intensa como experimentei no movimento Dror.

Tão significativo quanto o processo integral foi, para mim pessoalmente, ver que o movimento teve implicações mais amplas. A fundação e a precoce expansão do nosso movimento estiveram ligadas a um evento central na história judaica: a criação do Estado de Israel. Além disso, o movimento teve seu maior impacto em um grupo particular de jovens judeus de nossa comunidade. Esses eram os membros mais comprometidos do nosso movimento. A liderança e os ativistas mais ligados ao Dror eram, em sua maioria, nascidos no exterior, como eu. É verdade, nossa escolaridade teve lugar no Brasil, falávamos perfeitamente o português e estávamos familiarizados com os costumes brasileiros, mas não estávamos completamente integrados ao país. Havia características e problemas de imigrantes, mesmo que menos aparentes do que entre nossos pais, que falavam *idisch*.

Alguns membros do movimento pertenciam a famílias que vieram da Europa Ocidental, mas eles eram minoria. Outro grupo que tentamos recrutar foram os jovens “mais velhos” (de 19 a 21 anos), que iam chegando ao Brasil no pós-guerra. Apesar de algumas exceções, não fomos bem-sucedidos com estas pessoas. Nossas ideias pareciam não ser atraentes para os assim chamados “judeus orientais”, aqueles cujos pais emigraram dos países muçulmanos, como a Síria, o Líbano e a Turquia. Em suma, o típico membro do Dror era o jovem judeu, de classe média, vindo da Europa Oriental, que vivia mais ou menos bem no ambiente brasileiro, mas ainda fortemente condicionado pelas origens de sua família.

Além disso, nosso movimento atraiu algumas pessoas extraordinárias, principalmente não judias. Entre elas, os membros de uma família de protestantes devotos e educados, os Martins. Com base em crenças religiosas, eles concluíram que deveriam também mudar-se para a Terra Santa. E consideraram fazê-lo no âmbito do nosso movimento. Nós realmente não sabíamos como reagir em relação aos Martins. Eles participavam de nossas atividades por mais de um ano até que, gradativamente, tornou-se claro para todos que as disparidades entre nós na idade, objetivos e origem eram muito profundos. Separamo-nos como bons amigos.

Frequentemente, membros que tinham bons amigos não judeus os traziam para as nossas atividades. Os não judeus gradualmente se aproximavam dos objetivos do nosso grupo e alguns chegaram a emigrar conosco para Israel. O mais estranho desses casos foi o Senda, nosso companheiro japonês. Senda era a pessoa mais velha do grupo e estava menos adaptado ao Brasil do que nós. Todo o mundo gostava muito do Senda. Ele tinha experiência agrícola, de forma que era extremamente útil na nossa fazenda de preparação (*hachshará\**). Senda foi conosco para Israel e foi membro de Bror Chail por muitos anos. Mais tarde, ele recebeu uma função na embaixada japonesa em Tel Aviv, onde trabalhou até a sua aposentadoria. Senda permaneceu no país por mais de 40 anos.

## Isaac Babsky

O caso mais tocante para mim foi o de Itzhak Babsky. Um dia – quando eu já estava vivendo em nossa fazenda de preparação, alguns meses antes de minha partida a Israel –, um táxi cruzou os portões e dele saiu um homem idoso, com duas valises, e um rapaz adolescente. Ninguém estava esperando por eles. “Boa tarde”, disse o homem. “Meu nome é Babsky. Este é meu filho Isaac. Ele tem 16 anos. Nós vivemos longe, bem longe, no interior. Não há judeus lá. Eu queria que vocês o levassem para Israel.” O rapaz não pronunciou uma palavra. Conforme descobrimos mais tarde, ele era por natureza um tipo silencioso. Nós também ficamos mudos; na verdade, ficamos sem fala, algo que acontecia conosco muito raramente. Depois de, no máximo, meia hora, o pai partiu no táxi e Isaac ficou. Era, é claro, apenas uma experiência. Nós éramos ainda muito jovens para saber que não há nada mais permanente do que um arranjo temporário.

Era difícil julgar o rapaz. Escuro, de aparência brasileira, silencioso, fisicamente bem desenvolvido para a idade, forte, de boa vontade. Uma característica me chamou a atenção: ele era destemido. Parecia incapaz de sentir o que significava ter medo de alguma coisa. Quando chegou a hora de ir para Israel, nós ainda estávamos ponderando o que fazer com ele. Isaac foi conosco.

Em Israel, tornou-se evidente que ele era jovem demais para se integrar com sucesso no nosso grupo. Decidimos, com seu apoio, que ele deveria ingressar no exército, apesar de ter ainda 17 anos. Ele se voluntariou para uma unidade de elite de paraquedistas e se tornou um excelente soldado: silencioso, forte e com boa vontade. Em meados de 1955, houve um incidente em Nitzana, na fronteira deserta entre Israel e o Egito. A unidade de Isaac foi enviada para atacar uma posição egípcia. Foi pedido um voluntário e Isaac se apresentou. Ele ainda não sabia o significado da palavra medo. Uma rajada de fogo de uma metralhadora egípcia o derrubou. Ele foi o primeiro dos nossos a morrer em batalha.

## A “Lapa”\*

Nosso compromisso ideológico e pessoal com o movimento nos colocou em uma rota de colisão com os interesses de nossos pais – e com as tendências de nosso ambiente judaico. A maioria de nossos pais era de origem humilde e de educação bem limitada. Eles conseguiram fazer parte da classe média e, no fim de 1940, alcançaram certo nível de prosperidade. Eles pertenciam a essa geração de judeus modernos cujos filhos estavam sendo preparados para dar um grande salto social e profissional. A ambição deles era ver os filhos nas universidades, preparando-se para uma carreira na medicina, engenharia, direito etc. E, então, surge o movimento juvenil pioneiro, jogando por terra todas as suas esperanças!

A situação era complicada pelo fato de a maioria de nossos pais ser sionista. A dedicação aos ideais sionistas estava profundamente arraigada ao próprio passado. Eles estavam entusiasmadamente interessados no sucesso do estabelecimento judaico

em Israel. Mas não queriam que os próprios filhos fossem para lá. Para um (duvidoso) futuro em um *kibutz*? Era impossível não estar ciente da contradição entre as realidades da vida judaica na nossa comunidade e nossos ideais socialistas sionistas. Era óbvio que, no momento em que um de nossos membros começou a universidade, as atividades diárias tomariam mais tempo e atenção e, eventualmente, o transcorrer dos estudos os conduziriam para fora dos compromissos pioneiros.

Nosso objetivo era o de participar na estrutura do movimento kibutziano, no grande empreendimento nacional-judaico que estava se desenrolando em Israel. Tal intenção, entretanto, era inconsistente com a realidade de nossas vidas no Brasil, que apontava para uma direção social diferente. Assim como nossos pais, nós éramos membros da classe média, uma geração mais jovem direcionada para a ascensão social como comerciantes, industriais ou exercendo carreiras liberais e acadêmicas. A vida em um *kibutz* exigia profissões da classe operária, principalmente na agricultura, mas também ocupações de colarinho-branco. Portanto, duas direções sociais contraditórias. Era evidente que os padrões de nossas vidas apontavam para uma existência no Brasil e não num estabelecimento coletivo, um *kibutz*, no Estado judaico recém-estabelecido.

Estes dilemas ideológicos estiveram na base do “Seminário da Lapa”, realizado no início de maio de 1950, no qual consideramos nossos caminhos e opções. Após longas discussões, chegamos a decisões de longo alcance: iniciar o processo que chamamos então de “proletarização”\* do movimento Dror. O significado foi abandonar os estudos universitários, adquirir profissões compatíveis com a nossa vida futura em um *kibutz* e colocar-nos à disposição do movimento Dror como ativistas integrais enquanto nos preparávamos para a *aliá* para Israel. A figura de liderança no “Seminário da Lapa” foi Bernardo Cymeryng (mais tarde, Dov Tsamir), que teve a percepção de reconhecer o dilema com o qual o movimento se confrontava, a imaginação de propor uma direção alternativa e a força interior para convencer as pessoas reunidas a adotar o caminho que conduzia em direção ao *kibutz* em Israel. Obviamente, a proposta de Cymeryng e seus esforços teriam sido infrutíferos se não fosse o fato de que a maioria dos participantes do “Seminário da Lapa” estava subjetivamente preparada para aceitar a nova direção existencial proposta.

As resoluções do “Seminário da Lapa” significaram mudanças muito radicais, não só para nós (especialmente para aqueles que agora tinham que decidir a abandonar estudos universitários em curso), mas também para nossas famílias. Elas alimentaram sonhos para o futuro de seus filhos (e, de acordo com os conceitos da época, também relacionados ao de suas filhas) agora estilhaçados. Foi uma verdadeira revolução, e as semanas e meses que se seguiram foram realmente tensos. Embora houvesse algumas exceções, a maioria de nossos camaradas – alguns já cursando o terceiro ou quarto ano de estudos de medicina ou engenharia – abandonou a universidade. Houve cenas familiares terríveis porque tanto pais quanto filhos não eram insensíveis aos sentimentos e esperanças dos outros. Alguns de nossos membros não suportaram

a pressão e continuaram seus estudos, abandonando o movimento no final. De maneira geral, a maioria de nós aguentou firme e, nos meses e anos seguintes, fizemos nossa *aliá* para Israel, nos tornando membros de *kibutz*.

Retrospectivamente, é extraordinário que as tensões dessa época na comunidade e em nossas famílias não tenham se desenvolvido em uma crise mais ampla. De fato, o prestígio do movimento Dror na comunidade judaica atingiu um ponto alto nos meses seguintes. Isso demonstra como eram profundas as raízes sionistas no grupo judaico ao qual pertencíamos e até que ponto ia a euforia judaica que acompanhou o estabelecimento do Estado judeu que durou uma década.

Outros fatores, além do nosso radicalismo sionista, causaram o abandono de membros. Nós éramos socialistas declarados e, assim como acontecera antes no movimento europeu, o desafio socialista foi uma questão perpétua para aqueles, entre nós, que eram ideologicamente conscientes. Onde — perguntava-se — era o lugar certo para trabalhar por uma mudança social e econômica da sociedade? Em Israel? Somente em Israel? E o que há com o Brasil, com seus múltiplos problemas sociais? Nós éramos indiferentes à dimensão brasileira em nossas vidas e à disposição do partido socialista local. Uma vez que nosso nível de militância e organização era muito alto, tivemos alguns bons resultados. Mas também perdemos alguns membros para o próprio movimento socialista.

Em setembro de 1953, também deixei o Brasil com uma idade relativamente madura — 23 anos — e me estabeleci no *kibutz* Bror Chail, ao sul de Israel.

### A “Lapa” meio século depois

A vida tem sua própria lógica, e a realidade de hoje era imprevisível há meio século. Como sempre, as coisas mudaram ou se comportaram diferentemente. Em nosso caso, foi Israel, o movimento kibutziano e a vida de cada um de nós. Como avaliar, então, a relação entre o nosso passado e o nosso presente?

Uma série de questões se levanta quando alguém pondera hoje, mais de 60 anos depois, a direção adotada pelo Dror em 1950. Vistos em uma perspectiva histórica, os objetivos do movimento juvenil sionista-socialista, nosso e de outros similares, não eram só opostos à tendência da sociedade judaico-brasileira, à qual pertencíamos, mas estavam em completa contradição com a direção sociológica da sociedade judaica moderna. A “proletarização” (conforme resolvemos no “Seminário da Lapa”) não era, de fato, o objetivo social do judaísmo moderno. Na verdade, no início do século 20, desenvolveu-se uma classe operária judaica em alguns lugares da Europa Ocidental. Muitos dos judeus recém-chegados à América — a primeira geração — se tornaram operários, principalmente na indústria de confecções. Isso tudo foi somente um interlúdio, que em qualquer caso não se aplica à comunidade judaica no Brasil. A direção sociológica do judaísmo moderno estava direcionada à classe média e à classe média alta, e suas profissões representativas — uma tendência que foi indubitavelmente bem-sucedida, se olharmos para trás, para a história judaica do século XX.

Além disso, a “proletarização”, conforme entendemos o conceito anteriormente aos anos de 1950, teve um significado diferente, não típico. Ninguém queria se tornar um operário em uma fábrica brasileira ou, mais tarde, em uma fábrica em Israel. O conceito relacionado, o da profissionalização, significando aprender uma ocupação como um passo preparatório em direção a um estabelecimento social muito particular, um *kibutz* em Israel, seria realmente proletarização? O *kibutz* é uma criação social tão específica que desafia as categorias socialistas ou marxistas ortodoxas. De fato, os membros do *kibutz* não veem a si mesmos como proletários, mas sim como uma vanguarda socialista particular.

Em sua maioria, os membros do movimento Dror que chegaram a Israel se tornaram membros do *kibutz* Bror Chail. No princípio dos anos de 1960, o *kibutz* cresceu e se tornou um estabelecimento de tamanho médio. No entanto, nesses anos ocorreram mudanças fundamentais no jovem Estado judeu. Uma sociedade com um novo perfil humano estava se desenvolvendo, como resultado da emigração massiva de judeus de países de todo o mundo.

Nessas circunstâncias que se alteravam, o movimento kibutziano, que tinha sido um fator primordial no estabelecimento do Estado judeu, gradualmente perdeu o *status* político e a influência ideológica. O encanto, que o sistema kibutziano gozou no tempo da criação do Estado judeu, esvaiu-se gradualmente. Os conceitos ideológicos que nos moveram no passado lentamente perderam o significado. Viver em um *kibutz* parecia cada vez mais semelhante a viver em qualquer outro lugar em Israel. Progressivamente, a última opção escolhida por muitos dos antigos membros do Dror. Alguns voltaram ao Brasil, mas a maioria permaneceu em Israel e grande parte se estabeleceu em uma das cidades, em que as novas oportunidades existenciais do país em desenvolvimento ofereciam possibilidades atraentes.

Sejam quais forem as circunstâncias que levaram os antigos membros do Dror a abandonar o âmbito do *kibutz*, elas não tiveram um caráter ideológico. Os problemas pertenciam ao âmbito pessoal e tinham pouco a ver com dúvidas sobre o caminho político do movimento kibutziano ou questões relacionadas ao movimento socialista em Israel. O que leva a considerar uma questão desconfortável: pode ser que o que nos trouxe a Israel tenha sido primeiramente o sonho do renascimento do Estado judeu, mais do que uma específica meta social, mesmo uma tão específica quanto o *kibutz*. Ainda que o tenhamos negado enfaticamente há 50 anos, em retrospecto, é preciso reconhecer que nossas lealdades sionistas pesaram mais do que as socialistas. A “proletarização”, portanto, se tornou o elo mais fraco na corrente da convicção que nos moveu em nossa juventude. Apesar disso, deve-se reconhecer que a ideia de “proletarização” foi um argumento decisivo, num dado momento, na volta crítica das direções de nossa vida do Brasil a Israel, para o *kibutz*.

Fazendo uma retrospectiva, há uma pequena dúvida. Se a maioria entre nós que terminou se estabelecendo em Israel não o tivesse feito, teríamos continuado no caminho pavimentado pelos padrões sociológicos nos quais vivíamos. Teríamos nos tornado advogados, médicos e homens de negócio, honrados membros da comunidade judaica, no Brasil.

Um dos argumentos mais comuns de nossos pais, quando os confrontávamos com a nossa decisão de não continuar os estudos universitários, era: “Mas por quê? Termine antes os seus estudos e então vá para Israel! O Estado judeu certamente precisa de engenheiros e doutores!” Seus argumentos faziam sentido, mas nós sabíamos que terminaríamos ficando no Brasil e, provavelmente, em seus corações, nossas famílias também sabiam disso.

Uma vez estabelecidos em Israel, a “proletarização” se tornou um conceito de pouco significado para os integrantes do Dror. Com respeito àquelas pessoas que abandonaram o *kibutz*, elas naturalmente voltaram às mesmas ocupações de classe média que exerceriam caso tivessem permanecido no Brasil, o que era previsível. Isso só enfatiza a força oculta de nosso fundo social original. Muitos poucos se tornaram ativos no movimento obreiro israelense. Mesmo entre aqueles que permaneceram em Bror Chail houve, nos últimos anos, muito poucos que trabalhavam em profissões chamadas “proletárias”. Não é de surpreender que padrões semelhantes são encontrados entre aqueles membros do Dror que abandonaram o movimento e permaneceram no Brasil. Dificilmente algum deles continuou como um socialista militante. Uma exceção foi o secretário-geral do Dror, no princípio dos anos de 1950, Paul Singer.<sup>24</sup> Ele era um marxista convicto, cujos conceitos sociais eram mais significativos do que as ideias sionistas. Singer abandonou o movimento e se tornou ativista no Partido dos Trabalhadores (PT). Ele se dedicou aos estudos universitários e, mais tarde, ao magistério, na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

### **Possibilidade ou impossibilidade de um balanço histórico**

Mas o que ficou do Dror de nossa juventude? Cada pessoa pensa de forma diferente em diversas etapas da vida e, enquanto a capacidade de mudar as ideias de alguém é certamente uma característica humana positiva, o corolário é que ninguém de nós acredita que elas sejam definitivas. Olhando para trás, fico surpreso com a completa sem-vergonhice (*chutzpá*) do nosso comportamento naqueles dias do passado. Com muita confiança nos movíamos em gelo fino, tão seguros estávamos de que a verdade era nossa, sem ter a consciência de que indivíduos e grupos humanos são sempre ligados a processos sociais mais amplos, dos quais não se tem escapatória.

Sendo assim, será que tudo o que nós fizemos em nossa juventude não foi mais do que uma ilusão? É claro que não. As crenças que nos moveram há quase 60 anos eram tão sábias, ou nem tanto, quanto as crenças que mantemos hoje em dia – com uma significativa diferença. Tivemos a rara ventura de viver em um desses momentos na história, a história judaica, que, em nosso caso, uma complexa combinação de circunstâncias amadureceu na emergência de uma nova criação política, o Estado judeu. Nós fomos suficientemente perceptivos para captar a magnitude dessa hora e suficientemente corajosos para saltar na oportunidade que se abria à nossa frente, e isto como parte do fator social, que, no nosso ponto de vista, se encontrava no próprio centro dos eventos em andamento, o movimento kibutziano.

---

<sup>24</sup> Veja suas memórias na coletânea.



Da perspectiva de mais de meio século depois, parece que poderíamos não entender todas as implicações da convulsão social e política na qual nós, conscientemente, nos lançamos – mas, então, quem o fez e quando? Anos mais tarde, quando já em Israel, muitas de nossas antigas intenções ideológicas não resistiram às mais amplas tendências da sociedade judaica e da sociedade em geral. As transformações históricas que ocorreram por uma extensão de mais de 50 anos ocasionaram realidades imprevistas que desfizeram ou pelo menos transformaram nossas prévias concepções. O mundo mudou, a reconstrução de Israel voltou-se a direções imprevistas e novas tendências socioeconômicas configuraram o ambiente humano do qual éramos parte. Nós também nos adaptamos a essas novas condições, seja por decisão consciente ou através da influência indireta do ambiente geral.

Da perspectiva de um dia posterior nos tornamos um grupo de pessoas normais que continuou a viver suas vidas como cidadãos comuns, seja em Israel ou no Brasil. Nenhum de nós se tornou excepcionalmente ilustre, nem para bem e nem para o mal. Mesmo assim, houve uma diferença: uma vez, há anos, nós estivemos envolvidos em uma verdadeira revolução com um objetivo político e também com profundas implicações humanas. Nessa revolução, nós participamos integralmente; sem dúvida, procuramos o próprio centro desse turbilhão. E o fizemos por nossa própria decisão: lembremo-nos de que as resoluções adotadas no “Seminário da Lapa” em maio de 1950 foram nossas, só nossas. Nenhum partido ou movimento, em Israel ou na Diáspora, mesmo aqueles a que éramos ideologicamente muito próximos, exigiram de nós reconsiderar as direções de nossa vida, de abandonar estudos, de nos “proletarizar”. Quer estejamos conscientes disso ou não; essa foi uma experiência que influenciou e moldou nossas vidas, cada um de nós em seu próprio caminho.

*Traduzido do inglês por Markin Tuder.*

